

## I A B A

NOVELA DE *CARYBÉ*

A vida de Antônio está na boca do mundo, foi um embrulho de saias, cosida de brigas e temperada com o amor de muitas cabrochas.

Era inimigo pessoal do trabalho, gostava de bem vestir, beber, jogar capoeira e sobre todas as coisas gostava de amar e por tanto amar estrepou-se um monte de vezes.

Conceição, Lourdes, duas Zezés, cinco Marias, Arminda e uma porção mais, porque ao certo ninguém sabe quantas foram, nem ele.

Seu caso mais extraordinário foi o de Iaba e tudo se deu por causa de Cecília que tomou o lugar de Zulmira-Marrom.

Zulmira era uma cabo-verde braba e perigosa, vivia com ele há seis meses, moravam num barraco no Rio Vermelho de Cima. Zulmira-Marrom era cavalo de Iansã, violenta como sua santa e sabedora da fraqueza de Antônio por rabo de saia vivia a dizer: "O dia que tu me deixar tu me paga! Comigo não é como essa fieira que tu foi largando, olhe que eu não sou conta de rosário... não brinque comigo não!"

Antônio ria alto.

Um domingo, na capoeira de mestre Nagé, apareceu Cecília, uma sarará roliça com dois peitões

deste tamanho querendo pular do vestido.

No outro domingo Antônio largou Zulmira-Marrom.

Zulmira era macumbeira, cavalo de Iansã no terreiro de Pai Cosme e para lá correu, alucinada querendo um feitiço, um bozó forte que fizesse o Antônio se arrastar a seus pés pedindo perdão.

Cosme foi para a mesa, leu nos búzios e viu que isso não podia ser. Antônio era santo muito forte e levava ao pescoço um patuá de cheiro, coisa de africano, que o avisava dos perigos aromando. Pensou, tornou a pensar e achou que a melhor solução seria atacar pelo ponto mais fraco: invocar uma Diaba, uma Panjira, que em forma de mulher apaixonasse o Antônio, pirraçasse dele, o fizesse trabalhar e o transformasse num joguete ridículo; estaria livre de se apaixonar, pois uma Panjira, uma diaba, está muito além dessas coisas dos humanos.

Zulmira—Marrom ficou radiante. Como seria bom vê-lo por baixo, pagando caro todas as safadezas que fizera com ela e com as outras. Rir de barriga solta vendo-o feito um bocó se arrastando aos pés dessa Diaba que Pai Cosme iria convocar.

Os búzios falaram. O dia mais propício seria a terceira sexta-feira do sétimo mês.

— De hoje a oito — disse o Pai Cosme para Zulmira-Marrom.

Quando a lua subiu por detrás dos coqueiros, pálida que nem defunto, a faca sangrou um bode preto e fedorento que nem sovaco do Cão. Para cada perna de bode matou-se um galo, para cada pé de galo uma conquém. Três garrafas de cachaça, sete charutos, vinte e sete moedas de vintém e treze velas. Queimou-se pólvora e os couros roncaram. Cantou-se muito para que uma Panjira chegasse dos caminhos do Ninguém-Sabe. A voz de Zulmira subia alta nas cantigas, mais afinada que nunca, feliz, contente de estar colaborando na desgraça de Antônio.

Pouco antes do amanhecer a Diaba surgiu de uma cruz de pólvora, no meio da fumaceira apareceu uma creoula enxuta, de pernas e pescoço longo, cabeça miúda e bem desenhada. Aromando.

Foi levada, coberta de panos brancos, para o ronco, Zulmira teve uma pontinha de ciúme mas se agüentou.

Antônio acordara tarde. Ao sair de casa o patuá que levava ao pescoço cheirou. Olhou desconfiado para todos os lados e viu o bozó de Zulmira-Marrom bem na porteira do terreiro; um grande galo carijó desparramava a farofa para seu harém de galinhas. Voltou, acendeu um defumador dentro da casa, deu cachaça a Exu e às portas e saiu pelos fundos invadindo o quintal de Dona Zazá que estava com meio vestido mordido pelas nádegas enormes pois se abaixara

para espremer uma roupa. Passando, puxou o vestido para fora e a velha entre assustada e se rindo disse: “Me respeite menino”. Antônio riu alto e desceu a barroca aos pulos.

Tomou uma cachaça na venda de Seu Juca e rumou para a feira de Água de Meninos.

Já ganhara uns quinhentos cruzeiros no jogo da chapinha quando Jandira avisou. Esgueirou-se para a barraca de Berro-Grosso e ficou pagando rodadas a dois cegos vôleiros que faziam tinir as cordas de aço, cantavam e riam num porre medonho. Quando a polícia chegou Berro-Grosso e ele discutiam futebol.

Saiu zanzando pela feira, pelos becos amuralhados de mantas de carne seca, por entre montanhas de cocos e abacaxis, pulando sobre feixes de cana-de-açúcar, gingando, se rindo, fazendo pilhérias com seu mundão de amigos, cuidando de não sujar seus sapatos de duas cores e o terno de linho.

Foi até a praia para ver os saveiros. Coisa de que ele gostava era de saveiro! Para ele era como se fosse gente, sabia de cor os nomes deles todos e sempre os saudava de pensamento. “Alô querido de Deus! Alô !Vira-Mundo”.

Foi lentamente à barraca de Miguel o barbeiro. Uma barraquinha incrível que mal dava para Miguel e o cliente protegido contra o azar por dois enormes chifres de boi enfiados nos esteios. Bateu um papo e sentou-se na cadeira. Gostava de ficar ali vendo a saída e chegada dos saveiros, naquela madorna gostosa que dava o pincel esfregando sabão, as mãos fi-

nas de Mestre Miguel estirando a cara para escanhoar de contra-pe-lo, era uma lezeira deliciosa que mal deixava ouvir as histórias do mestre em cima da cabeça.

De olhos entornados, sumido naquela madorna sem tamanho, viu entre os dedos do barbeiro a proa do *Madre de Deus* encalhado na praia, os saveiristas pularem e colocarem as pranchas; aí sentiu o patuá aromando no peito e foi surgindo da preguiça na hora que viu contra o céu, na borda do saveiro, o corpo esguio de uma mulher segurando numa mão uma sombrinha e na outra uma gaiola com um papagaio.

A mulher que descera o pranchão cheia de denguices vinha vindo num gingado mole, a via por entre os dedos do Miguel que lhe espichavam a cara para escanhoar o pescoço. Antônio afastou as mãos do barbeiro para melhor contemplar aquele pedaço de mau caminho que passou rente, se rindo de sua cara, metade ensaboada e metade não.

— Miguel, toca ligeiro, não posso perder a pista, essa está no papo Miguel!

“Olhel... A ribaçã já cheirou seu pouso. Olhe só” — e apontou para o espelho. Ela estava de costas sentada na mala, como se adivinhasse virou para trás e olhou para o espelho sorrindo. O patuá de Antônio aromou forte mas na afobação ele não ligou.

Enquanto enxugava a cara com uma toalha de saco de farinha Antônio ia matutando como começaria. Sempre desconfiara de mulher oferecida, de mulher que lim-

pava o terreno e ficava armando bote.

Foi se aproximando devagarinho, num molejo acompassado, pensando e quando estava a poucos passos o papagaio resolveu tudo, começou a cantar:

Tadinha de minha dona,  
Tão sozinha,  
Tão sozinha,  
Veio um príncipe da Pérsia...

Antônio interrompeu a cantiga. “Está tão sozinha mesmo? Se é assim aqui está seu príncipe da Pérsia...” Tirou o chapéu e saudando à mosqueteira continuou “às suas ordens para o que quiser...”

A moça virou para ele, examinou-o de cima abaixo com a vista e com uma pontinha de deboche no sorriso disse: “Pois é moço, é a primeira vez que venho à Bahia, deste jeito...”

— De que jeito?

— Assim... — num jeito gracioso apontou para o corpo e continuou: Vinha para a casa de uma amiga mas já me informaram que foi para o sul. Você sabe de alguma pensão não muito cara? Pensão familiar ouviu!

— Ora! Sou ou não sou príncipe da Pérsia? Está tudo resolvido, meu palácio não é lá muito grande mas dá, quase nunca vou, se quiser é seu... até que possa dar jeito nas coisas.

— E sua mulher?

— E eu tenho lá mulher! Você será a dona do palácio e eu seu príncipe Antônio. Qual é seu nome?

— Iaba.

— Bonito nome...

O papagaio deu uma risada e Antônio saiu com ela gíngando ao lado. Atrás um capitão-de-areia carregava a mala e a gaiola; o pessoal da feira acompanhava com a vista o grupo com uma inveja danada da sorte dele.

Tomaram o bonde do Rio Vermelho, saltaram na Mata Escura, desceram uma rua de pequenas casas coloridas e antes de subirem a ladeira, deram um descanso na porta do armazém de Seu Juca, cidadão português que passava o dia acotovelado no balcão acariciando seus antebraços cabeludos como se fossem gatos.

— Olá Antônio! Como vai essa força? Vai uma geladinha? É por conta da casa.

Tomaram cinco e a venda foi enchendo de curiosos que vinham ver o “material” especial que o Antônio arranjara.

Quando iam subindo, Antônio, contente da vida, não reparou que os cachorros à vista da iaba fugiam de rabo entre as pernas e até os mais valentes, como o Tubarão de Dona Simplicia, se encolhia arrepiado mostrando as presas e rangendo os dentes, mas de longe.

A casa de Antônio apareceu, vermelha que nem fogo com os bates pintados de amarelo, por detrás um lindo cocar de bananeiras e depois o céu tão azul naquele dia.

Antônio abriu — tirou duas poltronas de vime e uma mesinha de pinho. Tornou a entrar e voltou com uma garrafa de cachaça, copos e a viola.

“Vamos festejar o feliz encontro”. E serviu duas talagadas de meio copo. Iaba tomou como se

fosse água e serviu-se de novo. Antônio para não ser menos fez o mesmo e assim, num instante, a garrafa esvaziou. Começou a temperar a viola mas ela pediu se havia algo de comer em casa. Não havia não! Antônio despencou ladeira abaixo, alegre que nem cabrito pulava as barrocas e entrou pela venda de Seu Juca como um tufo. Entre os comentários de Seu Juca e dos fregueses foi fazendo os pedidos e quando o pacote estava pronto desembestou morro acima; pelo meio diminuiu a carreira, foi subindo a passadas longas.

Iaba conversou um pouco com o papagaio, pendurou a gaiola num prego junto à janela e entrou na casa. Um quadro de São Jorge, uma rede e uma caminha muito baixa era toda a mobília, abriu a mala e começou a desvestir-se. De fora o papagaio gritou: “Lá vem o príncipe!” e riu do riso mais debochado do mundo.

Antônio foi entrando e o coração bateu forte; no fundo branco da parede desenhava-se o corpo de Iaba, o escuro de sua pele cortado pelas calçolas e pelo corpinho se mexia como se fossem pedaços soltos. Ela não fez gesto nenhum de pudor, só disse:

— Me espere lá fora, já vou bem!

Antônio saiu de costas, sem tirar os olhos do corpo cortado pelas calçolas, aquelas coxonas roliças lhe ficaram no juízo. Sentou na cadeira de vime e pôs-se a temperar a viola, olhando para a sombra das bananeiras que se agitava no chão como se vivesse, como se fosse bicho, águas vivas do mar. Quase tomou um susto quando de

entre aquelas sombras saíram ao clarão da lua vadia dois porcos magros e focinhudos que tranqüilamente atravessaram o terreiro e se sentaram perto da porta da cozinha. Antônio se danou, deu uma pedrada que reboou nas costelas do primeiro porco. Os dois bichos correram para as sombras de novo.

Iaba veio de vestido branco, abriu uma garrafa de cachaça com os dentes e serviu uma talagada de meio copo. Tomou como se fosse água. Antônio ferido em seus bríos fez o mesmo.

Iaba serviu outra dose e foi bebendo como se se tratasse de refrescos.

Antônio viu tudo. Foi tomando devagar, assoviando e pinicando a viola de mansinho, ela continuou sem dar o menor sinal de pileque, de repente disse: “Meu bem estou com fome, não há nada por aí? Tem mais cachaça?”

— Cachaça tem! E tem café, pão e umas bobagens mais. Vou trazer a branca...

Veio com outra garrafa, serviu, bebeu um golinho curto e atacou um samba. Iaba saiu num sapateio miúdo, estalando as chinelas no calcanhar, sacolejando os quartos, pondo as mãos em suas graças quando Antônio cantava:

Oi, tira a mão da flô

Oh Fulô...

Antônio só via a alvura do vestido dançando contra a sombra das bananeiras, que nem vestido mal assombrado sem ninguém dentro. A brisa, vadia e inconstante, trazia-lhe o aroma da mulher. De ventas acesas tomou outro trago e

aproveitando que passava perto segurou na barra da saia, ela quis se livrar dando um safanão, mas a saia e um de seus braços ficaram nas mãos de Antônio. O papagaio fitava a cena com uns olhões deste tamanho e berrava: “Compadres! Acudam, acudam!”.

Das sombras surgiram os dois porcos numa carreira desenfreada, atropelaram as pernas do Antônio, que caiu pelo barranco embolado com Iaba, quebrando os cocos e mamonas que nasciam na barranca. Quando chegaram ao fundo, Antônio segurou-a pelos coques e deu-lhe um beijo comprido. Ela sentiu o corpo amolecer, ficou quieta, arrepiada, querendo que aquilo não acabasse mais. No topo do barranco os dois porcos olhavam para a cena agitados, botando faíscas pelos olhinhos malignos, chocalhando as presas enquanto o papagaio berrava: “Cadê minha dona? Minha doona! Iaaaba, cadê você?”

A resposta foi um gemido de gozo.

No fundo do barranco Iaba está estendida de costas, de olhos fechados para prolongar aquele mistério bom. A seu lado Antônio assovia baixinho e brinca desmanchando os coques.

Depois de um tempão subiram agarrados pela cintura, tomaram outra cachaça, entraram no barraco e trancaram a porta.

A lua batia de cheio no terreiro. Na beira do barranco os porcos e o papagaio olhavam para a casa que deixava escapar pelas frestas a luz vacilante do fifó, risos abafados, cochichos e ranran de rede.

Os três compadres conversavam: “Isto vai mal!”, disse um dos porcos com cara de aporrinhado. “Qual nada — respondeu o papagaio — a coisa é assim mesmo...”

“Mas já?...” — o outro disse.

A lua se ria no peito da noite.

Quando Antônio abriu os olhos, dia alto já, tomou um susto. Sobre ele balançava na rede o corpo nu de Iaba; ia e vinha empurrado pelo dedão na parede.

Custou para arrumar no juízo o que acontecera na noite anterior. A ressaca era horrorosa, chegou a pensar que aquela mulher que passava sobre sua cabeça fosse alucinação e só recordou tudo quando o papagaio que estava na beira da rede gritou: “Praá, pa, pacu! bom dia senhor! Práaa...” E riu de um riso safado.

Lá fora o sol esquentando.

Iaba se arranchou na casa de Antônio. Esse dia fez café, ele não podia com a cabeça. Depois de ter algo no estômago, melhorou, entraram na rede, catou um cafuné e convidou-a para que de tardinha, dessem um passeio. Iaba recusou dizendo que ele rasgara seu vestido e além disso não podia se arrumar com aquele espelhinho miserável onde se via feito um monstro com a cara ora comprida, ora chata, ora ondulada. E só a cara... “Será que tu compra um vestido para mim? Bem azul! E um espelho decente... que entre toda!...”

Antônio coçou a cabeça doída e consentiu. Se abraçaram sumidos na rede, o papagaio trepado no punho contemplava a cena assombrado. A rede parou. Os dois admiraram que nem menino novo em colo de mãe.

O papagaio saiu pela cozinha e foi juntar-se com os porquinhos que fuçavam nas bananeiras: “Já pediu um vestido e um espelho deste tamanho!”

A vida de Antônio ia se complicando, comprara o vestido e o espelho mas a mulher não parava, — era sapato, era um corte de seda que vira na Baixa do Sapateiro, era panela, perfume, um mundão de coisas. Até ali vinha se virando no jogo da chapinha, na feira e na rampa do mercado, mas teve que parar porque reparou que os tiras estavam de olho nele. Que fazer? Ela tinha uns dengos tão gostosos que era impossível negar nada e se uma promessa não era cumprida as represálias eram terríveis. Brigas horrorosas com gritos tão altos e desaforados que o morro todo ouvia. Não havia coisa que o danasse mais que mulher cantando de galo e o pior era o papagaio que botava a boca no mundo dando aviso de tudo que se passava dentro do barraco. Nessas horas o bichinho parecia gente, falava fluente e de corrido e a vizinhança juntava para apreciar, rindo a valer das coisas que o bichinho contava.

Nessas horas Antônio apelava para a força, dava uma surra danada na mulher. Adiantava? Nada! O povo chegava perto da porta e xingava com os piores nomes. Antônio, num desespero saía e desafiava quem quer que fosse. Foi assim que deu num sargento dos fuzileiros navais, que uma semana depois vingou-se mandando um bando de fuzileiros tocaiar o Antônio.

Foi encontrado sem sentidos numa vala, a boca rebentada de mur-

ros e um dos olhos inchado e preto que nem olho de porco.

Iaba foi uma mãe; cuidou dele de dia e de noite e no meio de tanta dedicação arrancou-lhe a promessa de que puxaria um fio da venda de Seu Juca até o barracão. Mal sabia Antônio que detrás disso viria o pedido de um ferro de engomar, um rádio, até uma geladeira, o diabo!

Era uma vida danada. Fazia de tudo para ganhar mas o que entrava por um bolso saía pelo outro. Se entrava um dinheirinho Iaba torrava em besteira, perfumes ou uma calçola de nylon, até meias a bichinha inventou de comprar. Bem que ele gostava de ver o povo invejando-o, mas o trabalho positivamente era um castigo, uma maldição que tirava todo o prazer de viver. Voltava exausto, com os pés doídos e em vez de pegar a rede tinha que se enfiar todo para levá-la ao cinema. Lá ele dormia e na volta era a forra, um amor comprido pela noite a dentro e depois um sono de pedra até que o maldito papagaio começasse a assoviar e dar gritos, na barra do dia.

Um dia a filha de Dona Zazá contara que vira Iaba conversando com os porcos e o papagaio como se fossem gente, os porcos sentados e o papagaio ciscando, ela dizendo: "Estou gostando muito de ser mulher. Não foi pra isso que vim? Pois estou cumprindo minha sina e o Antônio é..." Não pôde ouvir mais porque o papagaio a viu e começou a xingá-la de tudo que era nome feio.

Dona Zazá com o que lhe contara a filha acabou de convencer-se

que Iaba era algo fraca do juízo, pudera! Com a vida que esses dois levavam... noites gemidas, bailes, passeios.

A panela andava melhor. Antônio, graças a um amigo que o iniciara no trabalho de magarefe, estava matando bois no Retiro. Ganhava bastante e conseguia comprar quase tudo que Iaba pedia; trazia carne da melhor e só andava de linho, alvo que nem pombo para compensar as horas que devia andar ensangüentado da cabeça aos pés.

Não gostava desse trabalho mas onde iria encontrar tanto dinheiro cada semana?

O entristecia o aboio dos vaqueiros e a mansidão dos bois ao morrer. Entravam na faca sem protestar, sem dar um gemido, como se fossem os Santos Inocentes, e ele com a roupa encharcada de sangue sentia-se como um soldado de Herodes matando as criancinhas. Trepados nas grades do curral num instante acabavam com a vida dos bois. Que nem demônios encarniçados enfiavam-lhes os chuchos na nuca e aqueles zebus enormes despencavam como jaca madura, estatelados, com os olhos tristes a olhar para ninguém, talvez querendo rever o doce verde das mangas de capim.

Quando os bois estrebuchavam desciam feito morcegos pelas grades e os bichos eram sangrados. Aquele sangue quente escorrendo dos talhos largos, escorregadio, lento, se coalhando, descendo silente para as valas, dava-lhe uma tristeza imensa. Aí os bois eram arrastados para fora e de pernas

esticadas para cima comiam faca até que os quartos seguiam enfileirados nos ganchos para os caminhões.

As cabeças iam para os cepos e com enormes machados as partiam para retirar os miolos. Sempre que fazia esse trabalho se lembrava da morte de Ana Bolena que vira num filme, e nos dias que vinha enfezado com um pedido de Iaba a apoquentar-lhe o juízo, era a cabeça dela que via no cepo, levantava o machado e o descarregava com toda a força: "Tome! Isto é o que vou fazer um dia destes. Quer colar? Tome sua filha da pu..." e o machado estalava como tiro na caveira do boi.

Mas tudo esquecia quando ia chegando em casa. Ia crescendo o lado bom de Iaba, seu cheiro, seus dengues e com isso tudo na imaginação sempre chegava com um sorriso largo. Dava-lhe um beijo no cangote e ela se encolhia num arrepio gostoso, revidava, sentavam-se na rede e cada um contava o que acontecera durante o dia, um catando cafuné no outro. Era nessas horas que o papagaio se agitava no poleiro refunfunhando que nem panela de feijão ao fogo. Não gostava nada do comportamento de Iaba. Tiveram grandes discussões, ele a acusá-la que estava se abrandando muito com o Antônio, que aquele amor todo, a toda hora, estava demais, que aquilo não era castigo coisa nenhuma e que ela viera para fazê-lo sofrer e não para dançar ou se afundar na rede por horas. Se estava de boa natureza Iaba explicava: "Ora meu velho, o culpado é este corpo, então tu pensa que

posso com estas coxonas, com estes peitos, com isto tudo que vou carregando, rebolando...? Isto tem é muita força... eu digo assim: Vou deixar o Antônio em dique seco por um mês. Ele chega e cadê força? Encosta e o corpo começa a se arrear, a se amolecer que não há poder que possa".

No dia que acordava de pá virada quando o papagaio começava com a sua ladainha atirava-lhe com o que tivesse à mão, xingava e ameaçava de torcer-lhe o pescoço e o bicho sumia pelas bananeiras e ficava conspirando com os porcos.

Iaba insistira a semana toda para que o Antônio a levasse ao baile do Palmeiras Sport Club. Queria estrear um vestido de setim quase da cor da pele muito justo, muito colado, muito cor de melado, com o qual, sem dúvidas, provocaria alterações no baile.

Antônio foi chegando cansadíssimo. Era tempo de guaricema e estava pescando de tarrafa numa jangadinha emprestada. Vinha moído de tanto mergulhar, remar e estar se equilibrando na embarcação. Vinha fedendo a peixe e decidido a dormir. Nada de baile, o que queria era deitar na rede, tocar um pouquinho na viola e pegar no sono com um cafuné comprido misturado com uma estória besta de príncipe ou de Pedro Malazarte.

Subiu a ladeira nessa intenção mas ao chegar em casa viu o bano pronto, seu terno de linho engomado e alvo de doer na vista; a seu lado, em outro cabide, o vestido novo de Iaba a brilhar que



nem topázio, ela de penteado novo, um coque alto que continuava a linha da nuca, cheirosa, toda perfumada com um perfume francês que comprara de um investigador amigo e não teve coragem de dizer que estava cansado; detestava ser estraga-festas. Tirou a roupa e entrou no banho. Iaba veio com a lata de água morna, ensabou-lhe as costas, esfregando a espuma com uma bucha macia, tão gostosa que Antônio teria passado horas assim.

Tirou da mala a camisa, as meias de espuma e a gravata vermelha, pôs nos pés da cama os sapatos e começou a se vestir. Iaba enfiou-se a muito custo no vestido, pediu para que o Antônio lhe fechasse o zip, ele quis beijar-lhe a nuca, mas ela se inclinou para a frente numa contração violenta, pensou que fosse dengo, passou-lhe a mão pela cintura para atraí-la a si, mas sentiu o ventre contrair-se em sua mão e Iaba vomitou. Vomitou e deu-lhe uma tontura que se não a amparasse teria caído ao chão. Deitou-se na rede e correu à cozinha para fazer um chá de erva-cidreira.

O papagaio passou do alto do muro para a varanda da rede, inclinou-se sobre a cabeça de Iaba e falou: "Eu não disse? E agora?"

— E agora o quê?

— O quê, é que você está preta, quero ver como se sai desta...

Antônio vinha chegando com um caneco de chá.

— Está melhor meu bem? Que pode ter sido?... Vai ver que é o fígado!

— Não é não meu bem, deve ser um desarranjo passageiro, coisa

de mulher, daqui a pouco estarei boinha e iremos à festa.

O papagaio deu uma risada debochada e Antônio de um sopapo bateu com ele no canto da casa, o bicho saiu se encostando nas paredes e murmurando:

— Oi, que peste bruta!...

No terreiro estavam os dois compadres esperando, os três sentados, imóveis ficaram a espiar para a casa.

Uma hora depois, fazendo um estorço, Iaba se levantou, retocou a cara e saiu no braço de Antônio. O ar fresco da noite a reanimou, desceram a ladeira rindo e tomaram o bonde, aí deu outro enjôo e não houve outro jeito que voltar para casa.

Que seria aquilo? E se o compadre papagaio estivesse certo? Como poderia saber, se só faziam três ou quatro meses que virara mulher? Nem pensara naquilo, na possibilidade de ter menino.

Antônio vinha calado, sustentando-a pelo braço, disse com voz séria:

— Será menino ou menina?

Ela sentiu uma sensação doce, uma alegria grave que nunca sentira, aconchegou-se ao braço dele e disse baixinho:

— Se for menina, vamos chamar de Maria. Se for homem, de Antônio. Acha bom?

Antônio calou, subiram a ladeira devagar, sem fazer ruído. No terreiro os porcos se agitavam ao redor do papagaio que falava baixinho e ao ver surgir o Antônio disfarçou cantarolando um samba.

Antônio falou:

— Afinal de contas você sabe de quem são esses diabos de porcos

que só ficam rondando a casa? Se o dono não tomar providências um dia destes acabo com eles.

—Você é que sabe — disse timidamente Iaba... Eu também estou farta, mas são tão magros...

O tempo passando, o barriga de Iaba crescendo e o compadre pagão aporrinhando.

Estava impossível. Quando Antônio estava em casa não se animava muito, dava lá uma que outra indireta mas sempre de longe e com a retirada garantida. Com Iaba era o próprio inferno, era o dia inteirinho mangando da moça, imitando choro de criança e dera para cantar aquela velha marcha carnavalesca: "Mamãe eu quero mamãe..."

E para piorar, as coisas não andavam muito bem. Antônio deixara a pescaria de jangada, entrara para a turma dos homens de terra de uma rede de xaréu, havia dias bons nos quais tinha direito a dois ou três peixes na partilha, mas a maioria das vezes o ganho não recompensava o trabalho exaustivo de puxar aquele mundo de rede, sabendo de antemão que vinha vazia, pois os mergulhadores já tinham dado aviso lá de fora. O trabalho era mais alegre, havia cantigas, havia sol e os peixes morriam, refletindo a luz violenta em seus lombos prateados sem ficar como os bois, de olhos tristes, a fitar o além. E tinha mulheres e meninos desparramados pela areia branca, cantando, correndo.

A safra chegara a seu fim e cada dia o peixe era mais escasso. Voltara para a jangadinha e passava o dia jogando tarrafa, arre-

piado de frio. Guaricema deu algum dinheiro, mas depois sumiu, pititinga e chicharro era mais o trabalho que o que rendiam.

Resolveu mudar, falou com Seu Manoel dono da horta e saiu vendendo flores.

Iaba pouco pedia. Com aquela barrigona nem tinha vontade de se vestir e o único que exigia era algum sapato folgado para seus pés doídos, algum sabonete, mas chateava com coisas para o filho que já se bolia dentro dela. Já tinha estoque de talcos, óleos e cueiros. Passava o dia crochitando sapatinhos de lã e fazendo camisolinhas de cambraia de linho, nem que fossem para filho de rico. Era um pouco desajeitada para a costura, mas à força de boa vontade ia dando jeito nas costuras, apesar da pirraça do compadre.

Antônio achava graça nas encomendas que ela lhe dava: retrós, linhas mercerizadas, rendas de bico que ele tinha que comprar nas lojas da Baixa dos Sapateiros sob sorrisos das caixeiras que descobriam logo que ele ia ser pai.

De noite, tocando viola, tendo por travesseiro as coxas cheirosas de Iaba, ficava olhando as estrelas e imaginando como seria se fosse menino, e como seria se fosse Maria. Assim vinha o sono, ela ia para a rede onde ajeitava melhor a barriga e ele dormia na caminha e na barra do dia acordava para aprontar o café.

Antônio andava com uma idéia fixa. Aqueles porcos que a tanto tempo rondavam a casa deviam ser bichos azarentos, não deviam de ter dono porque a não ser assim alguém teria reclamado e, magros

ou não, alguma coisa deviam render. Não disse nada a Iaba, aprontou um porrete de braúna, jogou um resto de feijão perto da porta da cozinha e ficou na espera. Os dois compadres tiraram os longos focinhos do mato, cheiraram e foram vindo. Foi rápido como o raio, as duas porretadas soaram quase ao mesmo tempo e os porcos caíram fulminados. Foram sangrados a facção e a água que fervia na lata os deixou em pouco tempo róseos como carne de gringo.

Quando Iaba ia voltando da casa de Norma onde fora passar à máquina uma batata viu sobre a mesa da cozinha o fato e os miúdos de porco que Antônio estava tratando. Alegrou-se: “Oba! Vamos ter sarapatel!” Mas quando reconheceu os compadres pendurados pelos pés teve um vexame.

— Menino, como tu fez uma coisa dessas? Virgem Nossa Senhora... são eles?...

— São. Amanhã vendo esses bagaços, já pedi emprestado o jegue do Juca.

Iaba voltou a olhar para os porcos e, ao vê-los tão brancos, tão desnudos e cômicos passou do vexame para um riso nervoso que começou baixinho e foi em crescendo até uma gargalhada alegre que nem cachoeira. Antônio contagiou-se e os dois ficaram um tempo se acabando de rir da ridícula figura dos compadres.

O papagaio ia e voltava da cumieira do telhado, arrepiado, dando nomes horríveis mas baixinho, só para que os vagalumes e os morcegos que estavam dando no sapotizeiro pudessem ouvir.

Debaixo dele, na casa, comia-se sarapatel. Seu Juca da venda fora convidado com sua mulher e trouxera um garrafão de vinho português. Cada gargalhada que subia arrepiava mais e mais o papagaio que no cúmulo do desespero rogava pragas tremendas contra o Antônio e Iaba. Seu Juca e Dona Massu desceram de madrugada tropeçando e rindo alto rumo à venda.

De manhã cedo Antônio colocou os porcos na canga do jegue e, depois de um café amargo para curar a ressaca, desceu para a feira.

A vingança dos compadres foi um forte desarranjo gástrico mas não valeu de consolo, porque foi atribuído ao garrafão de vinho com grande desespero do papagaio.

Na manhã que Antônio saíra com os porcos o papagaio desceu da cumeeira para o seu poleiro e de lá começou:

— Iaba, você está perdida; abandonou sua classe e a mais dessa barrigona arran... (Uma garrafa passou zunindo pela cabeça dele, só teve tempo de voar gritando).... Burra, sinhá burra, traidora!...

Levou três dias subido num dendezeiro mas teve que voltar enjoado do menu único e pensando no jeito que daria para que Iaba voltasse a ser o instrumento de tortura do Antônio, aquilo era a desmoralização completa e já soubera que Zulmira-Marrom fizera passar vergonha a Pai Cosme numa sessão.

Meteu a cabeça pelo cantinho da porta da cozinha. Iaba bordava cantarolando no outro quarto. Tornando coragem atravessou a cozinha e parou no vão da porta, fi-

cou alerta esperando que Iaba olhasse para ele, mas como ela continuava ensimesmada bordando e cantando baixinho, deu um “boa tarde” muito tímido e melífluo.

Ela levantou a cabeça e sem responder continuou com o bordado. Ele tomou coragem, carraspeou e disse:

— Iaba!

— Que é?

— Quero falar-lhe de igual a igual...

— Ora me deixe compadre, por favor não comece... estou muito cansada de sua rabugice, as coisas estão muito bem como estão, por seu próprio bem fique sossegadinho em seu poleiro; se não quiser é bom dar o fora, o mundo é muito grande.

O compadre mais não disse. Subiu sem piar ao poleiro e puxou uma soneca já livre dos coquinhos de dendê que já lhe davam azia só de pensar.

Quando Antônio chegou foi dizendo!

— Ué, esse peste já voltou?

O papagaio nem piou, Iaba é que disse:

— Deixe o bichinho. Afinal de contas é bem engraçado. Diz muita bobagem mas, apesar dos pesares, é de estimação.

Quem nasceu foi Maria.

Moreninha clara, linda como o sol, num instante foi crescendo e o dinheiro de Antônio não dando para os gastos, tentava todo trabalho mas a caipora estava ali. Andava o dia inteiro e o que conseguia ganhar era um dinheirinho magro que mal dava para não passar fome.

Cada vez que ele voltava, exausto, e contava a Iaba as peripécias do dia e a má sorte nos negócios o papagaio ria baixinho, com uma alegria perversa a brilhar-lhe nos olhos amarelos.

Iaba, vendo que Maria precisava de um mundão de coisas e que a má sorte de Antônio não abrandava, resolveu lavar para fora.

Descia o morro, equilibrando a trouxa na cabeça, e levando, escaçada nos quartos, a Maria. Na beira do dique punha-se ao trabalho, enquanto Maria brincava com barquinhos de folha seca ou com uma bruxa de pano. Punha as roupas a quilar no sol e sentava debaixo da jaqueira pensando na vida: quase se esquecera que afinal de contas era diaba enviada para espicaçar com a vida de Antônio, mas quem podia imaginar que ser mulher mesmo era tão bom assim? Antônio era muito homem e além disso via os esforços que fazia para levar avante a casa e que se não conseguia era por causa dos diabos, bombojiras que viviam a atrapalhar-lhe o caminho. Ela mesmo não era uma panjira enviada para atormentá-lo? O diabo era que a carne era fraca demais para resistir e por causa disso ali estava Maria brincando feliz. Sentia que cada vez estava mais longe de sua condição de diaba, que do que gostava mesmo era sol, de sambar e de ver o povo feliz. Adorava as cantorias das lavadeiras e a roupa se quarando, alva de doer nos olhos ou das cores violentas das saias abertas como flores no capim; de Antônio chegando suado e sempre alegre, contando os acontecimentos do dia, enquanto

as cuias d'água escorriam encachociadas pelo corpo musculoso; de seu peso em cima dela, do amor melado de onde nasciam as Marias. Ficava cismando nessas coisas e chegando à conclusão que era feliz.

De tardinha subia o morro, esguia e flexível e banhava-se na enorme bacia de folha-de-flandres junto com Maria e era uma farrada danada das duas a brincar com água.

Compadre papagaio é que não afrouxava, dava nomes feios, xingava, ameaçava com coisas horríveis e para sua desgraça um dia ameaçou Maria com doença braba.

Fazia três dias que Antônio não ganhara um tostão. Fora de puro desespero catar sururus nos baixios da Invasão dos Alagados com a intenção de vendê-los nos restaurantes, mas ninguém comprou. Comeram de moqueca.

Fora com Mestre Aloísio buscar uma carga em Nazaré das Farinhas. Tudo ia muito bem quando, parecia coisa do diabo, levantou-se um temporal que molhou toda a carga de açúcar. O prejuízo foi total. Cadê coragem para cobrar seu trabalho a Mestre Aloísio? O coitado do homem só não chorou porque não era de seu feitio. Mastigou corana, vendo o bojo do saveiro cheio de melaço de salmoura e açúcar. Antônio só fez bater nas costas e dizer:

— Não há de ser nada mestre, noutra nós tira a forra.

Voltara para casa ensojado de água do mar e sem um tostão. Sabia que não havia nada na despensa e que o dinheiro da roupa só viria dali a uma semana. Che-

gara, sentara na cadeira de vime do terreiro, e Maria veio a fazer-lhe dengos. Ele estava triste, pensando que por primeira vez sua filhinha não ia ter com que matar a fome e pensou em roubar alguém, assassinar algum milionário, fazer-se gigolô de mulher-dama. Nesta altura chegou de dentro de casa a voz alegre de Iaba:

— Antônio, Mariiii, o jantar está na mesa!

Surpreso entrou com Maria no colo, sentou à mesa e Iaba apareceu trazendo com muita pompa a travessa na ponta dos dedos, depositou-a no centro da mesa e com um gesto quase de prestidigitador arrancou um guardanapo que cobria a comida. “É Pombo?” perguntou Antônio.

Iaba riu e mostrou um cocarzinho de penas verdes que enfeitava a cabeça de Maria. Antônio olhou, olhou depois para o poleiro e deu uma gargalhada sem tamanho.

Os dentes trituravam com ferocidade o corpo do finado compadre.

— Ó peste dura... Este diabo parece de sola!...

— Mãe, será que ele não vai falar dentro da barriga da gente...

E falou.

Deu um desarranjo em todos que foi um deus-nos-acuda. Tudo que foi mezinha eles tomaram, mas os maus fluidos de compadre só passaram depois de três dias. Apesar do desarranjo, riam sem parar. Iaba feliz, pois estava livre dos diários sermões e não havia mais ninguém a lembrar-lhe sua condição de diaba que viera à terra para desgraçar a vida de quem tanto

amava. Agora era esquecer o passado todo, criar Maria e o outro que vinha a caminho, e fazer um ebó paar que acabasse a urucubaca do Antônio. Ela continuaria lavando e a vida correria feliz.

Antônio era contra-mestre do *Tira-Teima*, o saveiro de Mestre Aloísio. Trabalhava com gosto pois ao sol e ao vento não tinha a sensação horrível de estar trabalhando; era mais uma aventura constante, um se livrar de coroas perigosas, um lutar contra o vento.

Ou chamá-lo com assovios longos nas horas de calma e quando soprava de popa, na glória do sol ou na escurama da noite. Era bom temperar a viola, tomar uns goles de cachaça e pensar em Iaba. Mestre Aloísio fazia a segunda voz agarrado ao leme. Iam pela noite adentro cantando sambas e toadas ou contando casos de Iemanjá ou Pedro Malazarte, de cangaceiros e de mulheres. Vinham fieiras intermináveis delas tripular o saveiro pelo caminho do pensamento, densas, gordas, magras, safadas, brabas, pretas e brancas, muitas já mortas outras casadas, outras por este mundão de Deus. O saveiro gemia de sua madeira agüentando o vento no pano, inchado que nem vestido de mulher preña. Antônio ganhava bem mas pesava-lhe andar fora de casa dias e dias e a maresia cheirando, entrando pelas ventas e ele sabendo que só daí a três ou quatro dias estaria subindo a ladeira, vendo-a no topo do barranco vermelho a lhe acenar. Ela e Maria contra o céu azul.

Nasceram mabaças.

Dois machinhos roliços cor de canela que sugavam os peitos far-

tos de Iaba e dormiam sorrindo. A casa ia se tornando pequena. Antônio pensava puxar um quarto para os meninos; traria os caibros no *Tira-Teima* e as telhas ele compraria em Maragojipinho; faria uma feijoada para reunir os amigos na hora de levantar as paredes de sopapo e o quarto sairia o mais barato possível.

Foi aí que o *Tira-Teima* arrombou o casco na coroa do Pombo. Uma coroa besta perto da Gamboa. Tinha passado por ali centenas de vezes, mas esse dia a marola de um enorme navio inglês jogou o saveiro sobre a coroa. Mestre Aloísio se distraía vendo o navio tão claro, tão enorme, com aqueles bigodões alvos de espuma. Bonito!... ele pensou e na mesma hora as tábuas do *Tira-Teima* estalaram nas pedras.

Voltar foi um custo. Antônio e os outros dois tripulantes tirando água, entupindo os rombos com sacos, fazendo escoras, se mexendo feito raios para salvar o saveiro e Aloísio catando vento nos panos para que o saveiro corresse emborcado do lado contrário dos rombos.

Foram três horas de luta até que encaharam na Praia do Forte.

Antônio agora trabalhava num trapiche de fumo. Era o dia todo dentro daquele cheiro espesso, enjoado, que entranhava na pele e nas ventas. Trabalhava nas prensas de enfardar, enormes, com um bruto parafuso de madeira que eles faziam girar correndo em círculo, até que as folhas de fumo iam-se comprimindo; aí corriam e davam uma volta no ar, agarrados às cordas como se fosse carrossel, meio

nus, voando nos ares, pareciam diabos. Às vezes cantavam, outras davam berros para acompanhar a carreira. Mas que esse trabalho era chato, era! E aquele cheiro grudado dia e noite chegava a dar enjôo.

Os mabaças já estavam taludinhos e Iaba esperava outro.

Resolveu mudar de trabalho. Aquele negócio de estar o dia inteiro trancado no trapiche dando a voltinha de carrossel, vendo a cara amarela dos espanhóis da Real Tabacalera a cheirar folhas de fumo e contar fardos, não era de seu feitio, não agüentava mais. Um sábado recebeu a semana e nunca mais apareceu.

Agora era operário de construção. Arranjara serviço. Tregar nos andaimes, torcer os ferros para as estruturas, levantar as formas, dar berros, subir e descer pelo guindaste. Tanto gostava daquela bagunça que na hora que batia a campã sempre estava desprevenido, fazendo alguma coisa que o obrigava a demorar mais. Adorava resolver problemas, estava em todas partes e em pouco tempo a obra não tinha mais segredos para ele. Havia certa dose de perigo que, somado ao estar exposto ao sol e à chuva, excitava sua vontade de fazer coisas. Não havia rotina no trabalho cheio de imprevistos e jeitos a dar. Tanto era seu entusiasmo que depois de um tempo um dos engenheiros propôs o cargo de contra-mestre. Antônio adorou. Nas horas de almoço estudava as plantas, guardava na cabeça os conceitos dos operários velhos, as maneiras de resolver esta ou aquela dificuldade e

em poucos meses a construção civil se fez carne nele.

Iaba estava no último mês. A casa já tinha seu quarto novo e nada faltava na despensa pois ganhava muito bem. Até comprara uns óculos raibã e um chapéu do Chile, tinha relógio de pulso e um travessão de ouro para segurar a gravata com escudo do Flamengo esmaltado a fogo, presente do dono da obra.

Nasceu Antônia.

Uns meses depois o mestre-geral se aposentara e ele foi escolhido para o cargo.

Esse dia chegou em casa com garrafas de vinho e cachaça, contente e risonho, num começo de pileque. Combinou uma feijoada para o sábado. Houve feijoada e escaldado de carangueijo. Vieram mestre Aloísio, Seu Juca e mais alguns amigos da obra e do tempo de malandro. Às onze horas, conforme combinara, um bruto caminhão encostou no pé da ladeira e os carregadores começaram a subir com a geladeira de dez pés que comprara a prestação. Foi a admiração do morro inteiro, quase que não passava pela porta.

Seu Juca mandou buscar dois engradados de cerveja para a inauguração e a feijoada rodou pela noite adentro; violas, cavaquinhos e pandeiros bolindo com os quadris das mulheres e com o juízo dos homens. Zé Sampaio chegou alto, com a flauta encostada no beijo grosso e os dedões a tapar e destapar furinhos. O samba animou, mulatas e crioulas rodopiavam, suavam, bebiam, brincavam.

Tudo era uma bruta alegria. Antônio sentara num banquinho ao

pé das bananeiras e olhando o céu cheio de estrelas achou-o parecido com Iaba, não sabia bem porque, com uma Iaba cheia de jóias e de mistério, uma mulher total, imensa como a noite.

Gente ia chegando para apreciar a festa, o arrasta-pé chiando no terreiro coberto de areia branca e folhas de pitanga. As bandeirinhas que Maria cortara enfeitavam os ares e os pés limavam o chão no compasso.

Faltando quinze para meia-noite apareceu um homem alto, magro e vermelho carregando um embrulho comprido. Perguntou pelo dono da festa e quando Iaba foi atendê-lo teve um arrepio nas costas. Aquele homem nojento, de pele encarquilhada que nem teiu e assim vermelho não lhe pareceu boa coisa.

— Tenho que entregar esta encomenda ao dono da casa — o homem disse.

Antônio foi chegando e a pedra cheirou mas ele estava com uns copinhos a mais e tão alegre que nem ligou. Iaba é que continuava arrepiada espiando para o homem.

— Que é isso?

— Uma encomenda que o gerente lhe mandou.

— Qual gerente?

— Eu sei só que me deram seu endereço e cá estou, façó-lhe a entrega e vou andando que já é tarde.

Antônio deu-lhe vinte cruzeiros e chamou Mestre Aloísio para abrir o pacote pois a pedra continuava aromando. Eram fogos: foguetões de cinco estrondos, fo-

gos de bengala, bombas, vulcões, tudo de bom ia aparecendo aos olhos do povo que a essa altura da noite já estava numa alegria carnavalesca devido à cachaça que não parara de rodar. Aquilo é que era festa, nunca se vira no morro uma assim nem mesmo na cidade. O primeiro foguetão subiu na lindéza da noite. Viva Seu Antônio! Viva! Viva! Uma excitação tremenda apossou-se dos festeiros vendo as luzes verdes e vermelhas que apareciam entre pipocos. A pedra continuava aromando mas Antônio estava num entusiasmo só vendo o sucesso de sua festa. O segundo queimou a mão de Severino, ele soltou e o foguete caiu no centro do pacote. Foi um deus-nos-acuda: luzes, estrondos, chuvas de prata e de ouro, gritos e gargalhadas de mulheres perseguidas por buscapés, correndo pelas barrocas. A cena era dantesca. Uma hora tudo ficava vermelho e outra hora verde. Subiam estrelas em parafuso, estrondavam as bombas, todos meio bêbados dando vivas e ohs! Cada vez pipocava um foguete diferente no meio da fumaceira, dos gritos e do fedor a pólvora.

Quando perceberam que a casa estava pegando fogo já era tarde. As labaredas estavam comendo tudo. Como não havia jeito a dar ficaram vendo a casa se consumir. Muitos dos convivas, chamuscados com a pólvora ainda davam vivas, mas a maioria foi-se retirando às quedas e gargalhadas.

De madrugada toda a família estava sentada no terreiro e os restos do barracão fumegavam que nem chão do inferno. Iaba, cochi-



lando no ombro de Antônio, ainda disse:

— Mas que a festa foi boa, foi!

Foram morar provisoriamente na casa de Mestre Aloísio e no dia seguinte todos estavam dispostos a recomeçar. Antônio pensando na nova casa que seria taqueada e com forro de concreto ia rabiscando a futura planta na mesa do café. Pegou na marmitta e foi descendo pensando que até banheiro completo teria. Do alto do barranco vermelho Iaba e os meninos da-

vam-lhe adeus. Dobrou pela cerca de peregum de Seu Floro e sentiu a pedra aromar. Olhou para todos os lados e não viu ninguém. De repente o coração pulou no peito. Vinha subindo uma mulata linda que nem a lua, passou por ele com um sorriso devasso no canto da boca carnuda e foi indo num rebolado lento, magnético. Antônio disse “i i i i i !” e saiu atrás.

A moça trazia na mão uma gaiola com um papagaio.